

**SÃO JOSÉ E A VIDA DO PRESBÍTERO, NO “ENTARDECER” DO “ANO DE  
SÃO JOSÉ”:  
REFLEXÃO EXEGÉTICO-ESPIRITUAL-PASTORAL**

Dr. Antônio César Seganfredo\*

**Introdução**

Todo presbítero que está à frente de uma Paróquia, assim também as lideranças que estão engajadas na missão paroquial sentem o peso das demandas que vêm de diversas partes: solicitações e documentos pontifícios, da CNBB, da (arqui)diocese, da própria família religiosa (para os religiosos), da sociedade civil. Para ler todos os documentos que derivam das diferentes instâncias não se poderia fazer outra coisa que dedicar-se a isso.

Uma dessas demandas veio com o “ano de São José”, convocado pelo Papa Francisco, através da Carta Apostólica *Patris corde (Com coração de pai)*, em 19/03/2019, para comemorar os 150 anos da declaração de São José como Padroeiro da Igreja Universal (Beato Papa Pio IX). O ano, que começou em 08/12/20, está prestes a terminar (daí o título desta comunicação).

Devo confessar que me senti tentado a ignorar o “ano de São José”. Todavia, a circunstância do convite para expor esse tema ao clero da Região Ipiranga (e depois, da Região Belém), na Arquidiocese de São Paulo, obrigou-me a aprofundar-me no tema, com a consequente proposta à Comunidade Paroquial de iniciativas para celebrar este ano, mesmo que no seu “entardecer” (“antes tarde do que nunca”, reza o provérbio popular).

Dessa reflexão e prática pastoral brota a presente comunicação. O farei seguindo as cinco perícopes presentes em Mateus 1-2, procurando colher nelas aspectos significativos para a vida do presbítero.

**Mateus 1-2: elementos exegéticos, espirituais e pastorais**

---

\* Doutor em Teologia Bíblica e professor na área Bíblica/Novo Testamento no ITESP. Presbítero da Congregação dos Missionários de São Carlos/Scalabrinianos.

Porque tratar de Mateus 1-2? A escolha é bastante óbvia, na medida em que o Primeiro Evangelho, nas narrativas da infância de Jesus, sublinha o personagem José, enquanto Lucas 1-2, também chamado Evangelho da Infância, sublinha sobretudo Maria. O Evangelho da Infância segundo Mateus é, de fato, praticamente a única fonte que nos fala sobre José e, estranhamente, sem apresentar uma única palavra do mesmo. Não obstante, é tão significativa ao ponto de ter inspirado grandemente a exegese, a teologia, a espiritualidade, a arte, etc, ao longo dos séculos.

Os dois primeiros capítulos de Mateus estão organizados em 5 narrativas (perícopes), a saber: a genealogia de Jesus (Mt 1,1-17); o “anúncio” a José, em sonho, sobre o significado da gravidez de Maria (Mt 1,18-25); a vinda dos magos do Oriente (Mt 2,1-12), a fuga para o Egito e o massacre dos inocentes (Mt 2,13-18); por fim, o retorno do Egito e a ida para Nazaré (Mt 2,19-23).

No que segue, proponho-me a percorrer brevemente – sem pretensões de exaustividade – as 5 perícopes, sublinhando alguns aspectos exegéticos, mas sobretudo espirituais e pastorais para os presbíteros (mas que normalmente podem também ser válidas para os seguidores de Jesus em geral). Não proponho a tratar o tema da paternidade presbiteral, evidente em Mt 1-2, em relação ao qual indico um excelente artigo recente do presbítero e psicólogo italiano Amedeo Cencini.

Começo evidenciando que, nos dois capítulos do chamado Evangelho da Infância de Mateus, o número 5 é particularmente significativo, provavelmente a partir da importância que o escriba Mateus (hoje se diria exegeta) devota às Escrituras de Israel, sobretudo à Torá, transmitida em 5 livros (Gn, Ex, Lv, Nm e Dt). Para além disso:

- ✓ Cinco são as narrativas presentes em Mt 1-2, todas culminando com uma citação das Escrituras;
- ✓ Cinco são as aparições do anjo, em sonho;
- ✓ Cinco são as mulheres presentes na genealogia de Jesus.

Após esse detalhe, que sublinha a importância que as Escrituras têm para Mateus, passo a percorrer brevemente, segundo o objetivo dessa comunicação, as 5 narrativas de Mateus 1-2.

### **1. A genealogia de Jesus (Mt 1,1-17)**

A genealogia de Jesus, com a qual Mt dá início ao seu Evangelho, tem em José o elo legal fundamental para que Jesus possa ser dito o Messias, isto é, filho de Davi. É a partir de José que Jesus é inserido na genealogia de Davi e, assim, leva ao cumprimento as antigas promessas e expectativas messiânicas. De fato, lemos em 2Sm 7,12-16: *“Quando teus dias se completarem e repousarem com teus pais, suscitarei um descendente teu para te suceder, saindo de tuas entranhas, e eu firmarei o seu reino. Ele construirá uma casa para o meu nome, e eu firmarei o trono do seu reino para sempre. Eu serei para ele pai e ele será para mim filho [...] Tua casa e teu reino estarão firmes para sempre diante de ti; teu trono será estável para sempre”* (Tradução oficial da CNBB, aqui e nas demais citações da Escritura).

As 42 gerações que compõe a genealogia de Jesus (14 X 3), são marcadas seja pela glória seja pelo fracasso: se por um lado o rei Davi, 14 gerações depois de Abraão, representa o *vértice da glória*, por outro, o exílio na Babilônia, 14 gerações após o Rei Davi, representa o *abismo do fracasso*. Com José, Jesus entra, portanto, em uma trajetória em que ambos os elementos estão presentes: *seja a glória, seja o fracasso*. Como todos os seres humanos, também o presbítero, nas diferentes atividades e lugares em que desempenha sua missão, certamente encontra momentos de sucesso e momentos de fracasso. A genealogia de Jesus, nesse sentido, sugere ao presbítero aceitar também o fracasso, em sua trajetória, como elemento que faz parte de sua vida.

Tal perspectiva é ainda mais evidente pela presença, na genealogia, de cinco mulheres que trazem consigo situações problemáticas do ponto de vista étnico e/ou moral (aqui não se fala da parte masculina na medida em que Mateus não a sublinha desse ponto de vista; não certo pela comprovada virtude)

1. Tamar, estrangeira cananeia (Gn 38), precisa fingir-se prostituta para que o sogro, Judá, lhe faça justiça;
2. Raab, que não pertencia ao povo eleito (Js 2), era prostituta em Jericó;
3. Rute, estrangeira moabita, avó do Rei Davi, também precisa usar de subterfúgios para receber o que lhe é devido da parte de Booz;
4. Betsabea, mulher de Urías, o hitita – possivelmente estrangeira – vive uma relação adúltera com o Rei Davi;

5. Maria, enfim, a “toda pura”, concebe em uma realidade que não a deixará imune a comentários presentes e futuros (por exemplo, isso motivará, por um lado, a apologia da virgindade presente no *Protoevangelho de Tiago* e, por outro, uma tradição talmúdica caluniosa sugere que ela teria sido violentada por um soldado romano, de modo que Jesus seria Ben Pantere (MEIER, 1992, p. 102-223).

Mateus, com a presença de tais mulheres na genealogia de Jesus, que advém de José, evidenciando que as quatro primeiras estrangeiras, desde o início do Evangelho sinaliza para a universalidade da salvação trazida por Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, para a acolhida irrestrita dos pecadores, ele que proclamará, citando o profeta Oséias: “*Misericórdia eu quero, não sacrifício. Com efeito não vim chamar justos, mas pecadores*” (Mt 9,13; 12,7; cfr. Os 6,6). De fato, da comparação com a sua fonte para esta perícopes, que é Marcos, resulta que a escolha da citação profética é própria do primeiro evangelista (cf. Mc 2,13-17; 12,1-8).

O presbítero, a partir da genealogia do próprio Jesus, se por um lado, como já ressaltado, pode colher a presença seja do sucesso seja do fracasso em sua trajetória, pode também, por outro, sentir-se encorajado, do ponto de vista espiritual e psicológico, a reconciliação com a sua própria genealogia, a saber, com a história da própria família. De fato, é sempre mais frequente que os aspirantes ao presbiterado provenham de realidades marcadas por situações complicadas e até, por vezes, dramáticas. Obviamente que, na medida em que o presbítero conseguir reconciliar-se com a própria história pessoal e familiar – não sem um sério trabalho em nível psicológico e espiritual – estará em condição favorável para ajudar as pessoas a ele confiadas, incentivando-as a fazerem o mesmo em relação à própria trajetória.

## **2. José assume a paternidade legal de Jesus (Mt 1,18-25)**

Mateus deixa claro que José e Maria já são casados (1,18), embora ainda não estejam coabitando. De fato, segundo o costume matrimonial judaico, já aconteceu a primeira parte do matrimônio, o contrato de casamento, chamado *erousin*, embora o casal ainda esteja a caminho da segunda parte, chamada *nissuim*, quando, então, começará coabitar. E, não obstante, Maria está grávida. Que atitude José deveria tomar? Três eram as possibilidades:

1. Aceitar Maria do mesmo modo;
2. Denunciá-la como adúltera, para que fosse apedrejada (cf. Dt 22,23-24);
3. Abandoná-la em segredo, de modo que, ao invés de adúltera, fosse considerada repudiada (cf. Dt 24,1-4).

José, optando pela terceira possibilidade, demonstra que a justiça, para ele, vai além de certas prescrições rígidas da Torá. Disso se pode colher que a justiça josefina brota, primeiramente, da misericórdia! Mais uma vez ressoa a voz do profeta Oséias: *“Misericórdia eu quero, não sacrifício!”*.

Também para o presbítero constitui um constante e permanente desafio o discernimento entre a justiça que vem da lei – por exemplo, as leis do Direito Canônico e as que emanam dos Documentos da Igreja em vigor – e a justiça que brota da misericórdia, nem sempre coincidentes. Diga-se, de passagem, que tal problemática é central na Carta aos Gálatas, que foi proposta pela CNBB para o aprofundamento, nesse último “mês da Bíblia”. Também o “coração da teologia paulina”, notemos, ajuda o presbítero, sem deixar de valorizar a lei, a ter bem claro que o ponto de partida – e de chegada – sempre deve ser a Graça misericordiosa de Deus.

No caso do difícil discernimento de José, vem em socorro o anjo, em sonho! E na vida do presbítero, quais são os anjos que lhe vêm em socorro? O caminho do discernimento normalmente “não vem em sonho”, como para José, mas através da oração, da escuta, do diálogo, da atenta observação da realidade que o rodeia, da sensibilidade para com os empobrecidos.

Na “anunciação, em sonho, a José” o anjo, referindo-se ao menino que nasceria de Maria, diz a José: *“tu lhe porás o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo de seus pecados”* (1,21). De fato, era prerrogativa do pai dar o nome ao filho (cf. Lc 1,59-64) e, assim, José tem legalmente essa prerrogativa e autoridade. O nome “Jesus” é cunhado a partir do verbo hebraico *yasha*, que exprime o campo semântico da salvação, como bem especificado na fala do anjo.

Mateus conclui esta segunda narrativa, como fará em todas as cinco do Evangelho da Infância, com uma citação das Escrituras, na forma de profecia, a saber, o oráculo de Is 7,14 (na versão grega das Escrituras de Israel - LXX): *“Eis que a virgem ficará grávida e dará à luz um filho. ‘Ele será chamado pelo nome de Emanuel’, que*

*significa: Deus conosco*” (1,23). O evangelista está propondo uma leitura midráshica de Is 7,14, com a novidade, porém, que não é a Escritura a iluminar a Escritura, como acontece no *midrásh* tradicional, mas é a Escritura que ilumina a vida de Jesus e conduz a compreendê-la melhor. Nele a Escritura chega à sua plenitude: o fato histórico leva a Comunidade mateana a buscar luz na Escritura que, por sua vez, ilumina a compreensão do fato histórico. É o *midrash* cristão! (MANNNS; VARRIANO, 2021, p. 16).

A profecia de Isaías, todavia, não se realiza somente no nascimento de Jesus, mas em toda a sua trajetória, passando pelo seu ministério público e pela Páscoa. O Ressuscitado proclamará, conforme lemos em Mt 20,20, a sua “presença” constante e permanente junto à Comunidade dos seus discípulos(as). Note-se, de fato, a inclusão literária presente no início e no fim do primeiro Evangelho: “Deus conosco” (Mt 1,23) – “Eis que estou convosco” (Mt 28,20).

Não é necessário insistir, digo em breve conclusão, sobre a força que esses detalhes exegéticos trazem para a vida presbiteral, ou seja, a consciência de ser instrumentos da salvação trazida pelo Messias, Jesus Cristo, o qual permanece constantemente presente, na qualidade de único e verdadeiro Mestre (Mt 11,23,10).

### **3. A vinda dos magos do Oriente (Mt 2,1-12)**

Tendo bem presente que os Evangelhos da Infância de Mt e Lc têm em Jesus seu personagem central, recordo novamente que, enquanto Lucas sublinha Maria e a vinda dos pastores para *glorificar e louvar* a Deus (Lc 2,8-20), Mateus ressalta sobretudo José e a vinda dos magos para *prostra-se* (verbo *proskynéō*) diante do recém-nascido rei dos judeus (Mt 2,1-12).

Não obstante, nesta primeira perícopa do Mt 2, José está completamente ausente da narrativa. Em meio versículo, quase de passagem, somos informados sobre o nascimento de Jesus: “*Depois de Jesus ter nascido em Belém da Judeia*” (Mt 2,1a). Na narrativa da chegada dos magos, por sua vez, é dito: “*Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe*” (Mt 2,11a). É estranho que de José não se faça menção. Por quê? Uma possível interpretação seria o querer sublinhar, por parte do evangelista – na precisa narrativa do nascimento de Jesus – que o verdadeiro Pai do recém-nascido rei dos judeus é o próprio Deus, que em Mt 2,1-12 está presente através da “estrela guia”,

enquanto José, pai adotivo, permanece em segundo plano. De fato, com as ferramentas da análise narrativa chega-se à conclusão que a “estrela guia” é um personagem de primeira importância nessa perícopes, em cuja presença encontramos, em forma simbólica, a do próprio Deus.

Uma mensagem significativa para o presbítero, que brota dessa interpretação, é aquela que se depreende, através da narrativa mateana, da descrição de José. Em outras palavras, não há nenhuma busca de protagonismo por parte dele, mesmo se pai de Jesus legalmente, mas uma presença discreta, que se faz praticamente invisível, para que transpareça o Evangelho do nascimento do Emanuel. Lembramo-nos aqui da atitude e das palavras de outro personagem de primeira grandeza nos inícios do movimento de Jesus, a saber, João, *o batizador*, com sua afirmação: “*É preciso que ele cresça, e eu diminua*” (Jo 3,30).

Passemos ao capítulo 2 de Mateus.

#### **4. Mateus 2: a fuga para o Egito (13-18) e a volta para Israel (19-23)**

Em Mt 2, com sua duas perícopes (aqui tratadas conjuntamente), José e sua família revivem, em situações diversas, dois momentos cruciais da história do povo de Israel:

1º A “descida” para o Egito para fugir de problemas concretos, como no caso da família de Jacó (cf. Gn 37-50). Enquanto esta fugia da fome, a família sagrada fugiu da perseguição política. Do mesmo modo, esse episódio nos lembra de um outro José, filho de Jacó-Israel, também destinatário de revelações em sonho, que é constringido a “descer” para o Egito, vendido por seus irmãos, num contexto paradoxal que, feitas as devidas distinções com a trajetória e missão de Jesus (que veio para salvar o povo dos seus pecados), também estava ligado à salvação do povo de Deus.

2º A “subida” para Israel, como no caso da libertação do povo de Deus, guiado por Moisés (cf. Êxodo). Enquanto Israel viveu diferentes vicissitudes na travessia do deserto, rumo à Terra Prometida, a família sagrada, por causa de vicissitudes políticas, retirar-se-á para a desconhecida Nazaré da Galileia, no norte de Israel.

A partir dessas duas perícopes, no que tange à pessoa do presbítero, faço duas considerações:

1ª José, que foge com sua família para o Egito, nos remete a um número incontável de pais que, em nosso tempo, precisam fugir do próprio país e da própria terra para proteger sua família e em busca de condições dignas de vida: são norte-africanos que fogem da pobreza e das guerras; são sírios que fogem da guerra; são haitianos que fogem das catástrofes naturais e da miséria; são venezuelanos que fogem da situação política e da miséria; são latino-americanos que buscam o sonho de uma vida melhor nos Estados Unidos, e os exemplos poderiam multiplicar-se. Como missionário scalabriniano não posso deixar de sublinhar que o presbítero é chamado a uma atitude de sensibilidade – e de promoção dela –, manifestada na forma de empatia e compaixão operantes para com os imigrantes e refugiados que chegam em seu meio. O ícone da “fuga para o Egito” não pode deixar de falar ao coração do presbítero!

2ª Em todas as comunicações do anjo a José, em sonho, ele é exortado a não ter medo, a confiar, e colocar em prática as indicações recebidas. É Deus, em última análise, quem guia os passos da família sagrada em meio às turbulências das situações familiares e políticas. Lembro aqui do Papa Francisco que, na sua Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*, datada de 19 de março de 2018, Solenidade de São José, alertou para o perigo do *neopelagianismo* (*GAUDETE ET EXULTATE* 47-62; 28-35), que insidiosamente se faz presente também na vida do clero e das estruturas eclesiais e pastorais. Em mérito, Gianni Valente comentou, em intervenção lida durante a apresentação da exortação:

é preciso fazer as contas com manifestações da atitude pelagiana que se infiltra até mesmo nas práticas mais comuns da vida eclesial. A Exortação Apostólica identifica uma marca pelagiana em todos aqueles que ‘só confiam em suas próprias forças’, e mesmo quando querem mostrar-se fiéis a ‘um certo estilo católico’ (49), expressam ‘a ideia de que tudo depende do esforço humano’, mesmo canalizado ‘pelas normas e estruturas eclesiais’ (59). O Papa, pelo contrário, escreve que o chamado universal à santidade é dirigido precisamente àqueles que reconhecem que, em cada passo da vida e da fé, a graça é sempre necessária (VALENTE, 2018).

E na conclusão do Evangelho da Infância segundo Mateus encontramos a família sagrada na periferia geográfica de Israel, em um local despido de qualquer importância política ou social, a saber, o povoado de Nazaré, em uma colina da baixa Galileia, nunca antes mencionada nas Escrituras. Também daqui pode-se colher uma mensagem

importante – última nessa comunicação – para a vida dopresbítero. Enquanto nós, presbíteros, não raramente queremos estar nos lugares onde a história é determinada pelos poderosos, a família sagrada retira-se para a periferia, onde, através dos pequenos e invisíveis, Deus tece a história da salvação!

### **Conclusão**

Os dois primeiros capítulos de Mateus apresentam teologicamente Jesus como o Messias, filho de Davi, aquele que cumpre as promessas feitas a Israel. Tais capítulos também, enquanto recapitulam momentos fundamentais da história de Israel, prefiguram toda a trajetória posterior do Evangelho segundo Mateus.

Nessa narrativa, o pai adotivo de Jesus, José, com sua justiça misericordiosa, discrição, operosidade, obediência à vontade do Deus, coragem... tem um papel fundamental para que história da salvação aconteça, para que o Emanuel se faça presente!

Das entrelinhas das cinco perícopes que compõe o Evangelho da Infância segundo Mateus, percorrendo as vicissitudes nas quais José viu-se envolvido, é possível colher, como procurei fazer, uma série de indicações para a vida do presbítero. No “entardecer” do ano de São José, que tem sua conclusão em 08/12/21, tais indicações podem ser iluminantes, sempre que forem acolhidas no espírito de José!

### Referências bibliográficas

- BÍBLIA SAGRADA. *Tradução oficial da CNBB*. Brasília: Edições CNBB, 2019<sup>3</sup>.
- CENCINI, A. Paternità presbiterale per generare figli a Dio: approccio psico-pedagogico. In: *3D Tredimensioni* 18/1. Roma: Istituto Superiore per Formatori, 2021, pp. 236-252.
- FRANCISCO. *Gaudete et exsultate*. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- FRANCISCO. *Patris corde*. Por ocasião do 150º aniversário da declaração de São José como padroeiro universal da Igreja. 19/03/2018. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap\\_20201208\\_patris-corde.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20201208_patris-corde.html). > Acesso em 16 nov. 2021.
- MANNIS, F.; VARRIANO, B. *Artigiano di umanità*. Alla riscoperta di san Giuseppe. Milano: Editrice Terra Santa, 2021.
- MEIER, J. P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. As raízes do problema e da pessoa. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago: 1992.
- VALENTE, G. *Gaudete et Exsultate*. Pelagianismo e gnosticismo, esses “inimigos sutis” da santidade. In: *Vatican Insider*, 09/04/2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/577789-gaudete-et-exsultate-pelagianismo-e-gnosticismo-esses-inimigos-sutis-da-santidade>.> Acesso em 19 out. 2021.